

SOB O OLHAR DA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

RICARDO JORGÉ NA TRIBUNA DA HISTÓRIA*

RUI MANUEL PINTO COSTA**

Resumo: *Figura incontornável da medicina e saúde pública entre o último quartel do século XIX e a primeira metade do século XX, Ricardo Jorge constitui, por si só, tema de abordagem obrigatório quando nos debruçamos sobre a história do higienismo na contemporaneidade portuguesa. Frequentemente, mas de um modo ainda parcelar ou tematicamente circunscrito, escreve-se e disserta-se sobre esta figura. Com este artigo pretende-se reflectir criticamente sobre a História que se fez em torno de Ricardo Jorge, dando a conhecer um projecto de investigação biobibliográfico em curso, especialmente dedicado à integralidade da sua vida e obra.*
Palavras-chave: Ricardo Jorge; História da medicina; Historiografia; Biografia.

Abstract: *Much has been written and lectured about Ricardo Jorge. As an eminent figure in the field of medicine and public health between the last quarter of the nineteenth century and the first half of the twentieth century, Ricardo Jorge is himself an object of research when we look back on the history of hygiene and public health in Portugal. This article intends to critically reflect on the historiography that was made around him, as part of an ongoing bio-bibliographic research project.*

Keywords: Ricardo Jorge; History of medicine; Historiography; Biography.

1. O CIENTISTA SOB O OLHAR DO BIÓGRAFO

Não é fácil enquadrar e percorrer de forma sintética o caminho biobibliográfico de Ricardo de Almeida Jorge (1858-1939), homem de ciência e de cultura que continua a ser referência no universo médico e científico dos séculos XIX e XX.

Apontado como personagem cimeiro da higiene pública e das ciências da saúde por aqueles que o conheceram ou sobre ele escreveram, o desafio do historiador do nosso tempo não se pode resumir a respigar informações biográficas, tanto mais que não é fácil enquadrá-lo tendo apenas como referência o quadro cronológico em que viveu ou as memórias que vários médicos entretanto lhe dedicaram. Foi um homem nitidamente complexo, que merece ser alvo de uma prosopografia de síntese que se desenvolva num quadro de investigação alargado e integrado na análise do contexto científico em que viveu.

Indivíduo multifacetado: médico, cientista, higienista, hidrologista, ensaísta, polemista, crítico de arte, político, historiador da medicina e escritor dotado de vasta cultura, recai com toda a propriedade no rol daqueles personagens mitificados não só pelos contemporâneos mas também pelos seus pares do universo médico. À custa do carácter pessoal e do papel desempenhado enquanto porta-estandarte da renovação da saúde

* Este artigo insere-se no projecto de pós-doutoramento do autor intitulado «Saúde e Modernidade em Ricardo Jorge. Estudo biobibliográfico», em curso no Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra – Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto PEst-C/HIS/UI0460/2011. Ref. COMPETE FCOMP-01-0124-FEDER-022660.

** CITCEM / CEIS20.

pública, passou a integrar o panteão laico onde a figura do cientista começou a ser deificada e elevada ao estatuto de personalidade referencial e venerável.

Barahona Fernandes deslindou-o de modo particularmente feliz, sem no entanto fugir do habitual discurso encomiástico que caracterizou muitas das memórias que se escreveram:

Cada qual pode ver nela o que mais lhe interesse – desde o sábio ao jornalista, do cultor da ciência ao vernáculo quixotesco da língua, do pedagogo ao polemista, do historiógrafo ao prático da epidemiologia, do clínico ao sanitarista social, do orador empolgado ao escritor solitário, do higienista internacional ao familiar extremoso. Se quiserem também numa perspectiva histórico-evolutiva – o Homem da Renascença, permeado pelo Barroco e pelo Iluminismo – florindo no começo da crise do século XIX. Ou mais simplesmente – o cientista positivo, de alma literária, do final da época do Naturalismo¹.

Não se pretende aqui discutir se estamos ou não perante um génio polimorfo saído da forja de uma época de transição de paradigmas; pretende-se acima de tudo compreender de que forma se tornou um fruto da época e dos contextos em que viveu. Imbuído de um claro sentido de modernidade científica, resultante de cânones higienistas e da revolução biológica impressa pela microbiologia/bacteriologia de sabor pasteuriano, foi no devir desta dupla influência que Ricardo Jorge soube analisar e propor mudanças estruturais na realidade sanitária portuguesa do seu tempo.

A sua vida decorreu no seio de dois grandes movimentos refundadores das ciências médicas, enquadradas sob as directrizes culturais do positivismo. E se há valores que absorveu e corporizou, foram os da ciência construída na base da verdade experimental. Por um lado, a afirmação e sedimentação da microbiologia/bacteriologia que decorreu ao longo do último quartel do século XIX e início do século XX, por outro a consolidação do papel social da medicina através da confirmação e aceitação do higienismo como disciplina do conhecimento ao serviço dos Estados e das populações.

É bem conhecido o ambiente cultural que ao longo do século XIX levou à renovação das ciências biomédicas, dirigidas pelo novo conhecimento de sabor positivo que as orientou. Tudo se punha à prova da experiência para ser validado e a medicina não ficou alheia a esta redefinição dos seus saberes². Não apenas no caso da medicina, mas muito particularmente nesta, o laboratório assumiu o papel avalizador e construtor do conhecimento de base experimental, com o que conseguiu atribuir a origem de uma série de doenças a outros tantos microorganismos, revolucionando não só o conhecimento etio-patogénico mas também as medidas e mecanismos destinadas a controlá-los.

Como relator e promotor da codificação legislativa que marcou o paradigma higienista e da medicina preventiva, Ricardo Jorge esteve imerso nas particularidades de um período de transição charneira no tocante à redefinição dos padrões higio-sanitários portugueses.

¹ FERNANDES, 1959: 6.

² Cf. BYNUM, 1994.

Propagandeando a validade do higienismo como ferramenta médico-social de controlo sanitário, Ricardo Jorge passou a corporizá-lo, inscrevendo-o na letra da lei. Deu assim forma a um paradigma que se iria manter durante mais de meio século. Não viveu o suficiente para ver a revolução antibiótica tomar de assalto e tornar obsoletos muitos dos pilares da «ciência higiénica», mas viveu o suficiente para se impor como um dos paladinos da reforma científica operada em Portugal entre os finais do século XIX e o primeiro quartel do século XX.

Se, como o filósofo Zbigniew Kotowicz defende para algumas áreas do saber bio-médico³, a ciência está eivada de hibridismo pelo facto de em muitos casos os diferentes reinos do saber se encontrarem ligados por pontes comuns, principalmente pela figura do laboratório, será igualmente verdadeiro que alguns homens de ciência também se podem com particular justiça considerar híbridos, no sentido de serem plurais e multifacetados, saltando com a mesma facilidade entre distintas áreas e saberes científicos. No entanto tais figuras são raras e é por isso mesmo que costumam ser alvo de particular interesse historiográfico. Não restam dúvidas que Ricardo Jorge é um deles.

2. RICARDO JORGE NA TRIBUNA DA HISTÓRIA

2.1. O PARADIGMA HIGIENISTA: A BASE PARA UMA REVISITAÇÃO DE RICARDO JORGE

O paradigma higienista tem sido alvo de vários estudos históricos, muitos dos quais plasmados em análises de contextos sanitários, políticos, sociais, intelectuais e demográficos. As vantagens que comportam, ultrapassam a linearidade de uma construção científica do passado, uma vez que tanto os agentes políticos envolvidos na determinação de políticas de saúde como aqueles que os aconselham, ambos se têm servido da História como instrumento – entre outros usos – para avaliar e modelar da sua eficácia⁴.

Se bem que existem variadíssimos trabalhos, alguns deles já clássicos em redor da estruturação do higienismo e da saúde pública, as principais obras de fundo e com rigor historiográfico foram-nos fornecidas por investigadores do universo anglo-saxónico, como por exemplo os de Dorothy Porter, Erna Lesky, John Duffy e George Rosen⁵. No caso francês, continuam a ser referenciais os estudos de Pierre Darmon, Lion Murard e Patrick Zylberman⁶. Em Portugal, Ana Leonor Pereira e João Rui Pita também abordaram o tema, enfatizando a recepção e aplicação das doutrinas higienistas no contexto da afirmação da saúde pública⁷. E se a história em redor das estruturas e cultura científica serve para proporcionar imagens em grande escala, os atores que lhe deram corpo e face também não foram esquecidos: tanto nos Estados Unidos da América como em outros países da Europa, estão já publicadas várias biografias analíticas adequadamente contextualizadas.

³ Cf. KOTOWICZ, 2012.

⁴ Sobre a importância da história na estruturação de políticas de saúde no tempo presente, veja-se BERRIDGE, 2008: 311-326.

⁵ Cf. PORTER, 1999; PORTER, 1994; PORTER, 1993; LESKI, 1984; DUFFY, 1990; ROSEN, 1985 e ROSEN, 1993.

⁶ Cf. DARMON, 1999 e MURAD & ZYLBERMAN, 1996.

⁷ Cf. PEREIRA & PITA, 1993 e PEREIRA & PITA, 2007.

Vejam-se, por exemplo, os estudos dados à estampa sobre Harvey, Sydenham, Bichat, Chadwick, Claude Bernard, Louis Pasteur, Rudolf Virchow, Robert Koch, Santiago Ramón y Cajal ou Alexander Fleming, entre muitos outros.

E em Portugal? Consta-se que começam a surgir trabalhos de amplo fôlego sobre algumas das individualidades do universo médico-científico, alguns deles directamente ligados a projectos de investigação em História da Ciência. Egas Moniz, por exemplo, foi recentemente historiografado por Manuel Correia⁸ e biografado por João Lobo Antunes⁹, ao passo que personagens como Miguel Bombarda, Sousa Martins e Júlio de Matos, entre outros, também foram alvo de uma recente e contextualizada análise, que não esquece as correntes de mudança social e intelectual em que se inscreveram¹⁰. No entanto, há ainda nomes sonantes da história da medicina que aguardam os seus historiadores. Alguns tiveram projecção internacional, outros a nível interno, mas todos são importantes na hora de caracterizar e construir o discurso historiográfico em torno da evolução da cultura científica em Portugal.

Os trabalhos que temos vindo a referir não deixam de fazer menção mais ou menos alongada a personagens marcantes que corporizaram doutrinas e personificaram modelos de intervenção sanitária. Se quisermos usar a terminologia *latouriana* sobre a dimensão destas figuras carismáticas do mundo médico-científico¹¹, Ricardo Jorge recai com toda a propriedade nesse âmbito, não só por ser uma dessas figuras emblemáticas da ciência portuguesa dos séculos XIX e XX, mas também por ter tido projecção internacional dentro do modelo higienista que defendeu e corporizou.

Pela importância e determinismo que teve na vida científica, sanitária e médico-política, é uma figura incontornável. Parecerá certamente um lugar-comum afirmá-lo, mas podemos dizer que qualquer análise dedicada à história das ciências da saúde na época contemporânea não estaria completa sem a referência ao seu impacto no panorama da saúde. Mas talvez mais do que biografá-lo, importa realizar um exercício prosopográfico em jeito de revisitação, trazendo à luz do dia novos documentos e executando uma interpretação científico-historiográfica actualizada em conformidade com os preceitos hermenêuticos.

2.2. RESENHA BIOBIBLIOGRÁFICA

Ricardo Jorge nasceu na cidade do Porto em 1858 tendo-se diplomado na Escola Médico-Cirúrgica do Porto aos 21 anos. Aí leccionou antes de rumar a Lisboa onde desenvolveu um amplo trabalho enquanto higienista, professor e director do Instituto Central de Higiene, vindo a falecer em 1939 com 81 anos.

Teve e manteve contacto directo com uma série de personalidades do mundo político e cultural do seu tempo. Chegou a trocar intensa correspondência com algumas

⁸ CORREIA, 2010. Veja-se também PEREIRA; PITA & RODRIGUES, 1999 e PEREIRA & PITA; 2005.

⁹ ANTUNES, 2010.

¹⁰ Cf. PEREIRA & PITA, 2006 e REPOLHO, 2008.

¹¹ As questões que Bruno Latour levantou em torno de figuras carismáticas como Pasteur e a expansão da bacteriologia em França, podem ser igualmente utilizadas para Ricardo Jorge. Cf. LATOUR, 1988: 14-16.

delas, mormente as do mundo cultural. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Wenceslau de Moraes ou Alfredo Pimenta, são apenas alguns dos nomes que preenchem a colecção epistolográfica que ainda se conserva. Maximiano Lemos e Bettencourt Raposo, colegas de profissão e outros amigos pessoais também se podem enumerar entre o mesmo rol. Alguns dos agentes políticos da época também se corresponderam com ele em algum ponto da sua vida: a rainha D.^a Amélia, D. Manuel II, Bernardino Machado e Afonso Costa contam-se também na mesma listagem. Com outros esgrimiou-se em polémicas, e poucos dos que o conheceram ou simplesmente leram o que escreveu lhe terão ficado indiferentes.

Dominando a língua portuguesa, redigiu um conjunto heterogéneo e eclético de narrativas, divididos entre numerosos relatórios científicos e epidemiológicos, legislação sanitária, estudos históricos, literatura de viagens e crítica literária, traduções e prefácios, que no cômputo geral se contabilizam em torno das três centenas. Este número impressionante de publicações resulta em parte do facto de várias das suas obras terem conhecido impressões e edições sucessivas, mas também porque vários dos artigos que escreveu se multiplicaram por distintas publicações periódicas, em alguns casos em língua diferente da portuguesa.

Algumas das suas obras marcaram decisivamente os rumos da higiene e medicina social, tendo-se tornado autênticos textos de pendor doutrinário, entre eles a *Higiene Social Aplicada à Nação Portuguesa* (1885) e a *Demografia e Higiene na cidade do Porto* (1899). Entre outras obras igualmente valiosas no contexto científico e médico da época contam-se ainda: *O reino dos protistas* (1882), *O bioplasma e a biodinamica* (1882), *Ensaios científicos e criticos* (1886), *A sanitariedade urbana* (1888). Também prefaciou obras capitais da cultura científica como a obra de Herbert Spencer, *Educação intellectual, moral e physica* (1884), ao mesmo tempo que nos legou vários textos de natureza literária e ensaística como, por exemplo, *Ramalho Ortigão* (1915), *Canhenho dum vagamundo. Impressões de viagem* (1921), *Sermões dum leigo. Discursos e alocuções* (1925), entre outros.

Num tempo em que o exercício da medicina passava a exigir uma actualização constante do corpo médico, dificilmente se poderia compreender que um personagem como Ricardo Jorge não fizesse reflectir nos periódicos a sua veia jornalística¹². Tendo compreendido a necessidade de manter e promover a difusão dos saberes médicos através da imprensa especializada, dedicou-se ao jornalismo científico, fundando a *Revista Científica* e tendo feito parte do conselho de redacção de revistas de elevada aceitação e prestígio como *A Medicina Contemporânea*. As dezenas de artigos que entretanto foi publicando de modo esparso e irregular pela demais imprensa científica e generalista espelham bem o gosto com que cultivou a língua portuguesa e o domínio da francesa, a última delas muito em voga nos círculos científicos entre a segunda metade do século XIX e a década de 30 do século XX. Numa toada mais cultural, não deixou ainda de participar em periódicos voltados para o grande público, como na revista *Atlântida: mensário artístico, lite-*

¹² Sobre a importância do periodismo médico no contexto da transmissão, problematização e difusão dos saberes médico-científicos veja-se, por todos BYNUM, LOCK & PORTER, 1992.

rário e social para Portugal e Brazil, e no *Diário de Lisboa: edição mensal* (1933), onde esporadicamente pôde dar azo à veia literária que também cultivou.

Enquanto médico municipal, foi fundador e director dos Serviços Municipais de Higiene do Porto, tendo sido figura-chave na abordagem e resolução da epidemia de peste que assolou a cidade em 1899. Depois de ter sido forçado a rumar a Lisboa no final de um 1899 bastante conturbado, o prestígio e competência científica que entretanto granjeara como perito higienista, levou-o a assumir os cargos de Inspector-Geral da Saúde Pública e professor da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa.

É na nova qualidade de Inspector-Geral que dá corpo a um projecto legislativo que chega finalmente à letra da lei, tendo sido o autor da famosa reforma de saúde de 1901. Conhecida desde então por *Reforma de Ricardo Jorge*, apesar de promulgada em 1899 só foi regulamentada em 1901, entrando em funcionamento em 1903. Documento basilar e estruturante do paradigma higienista português durante quase meio século, este regulamento consagrou, no dizer de Gonçalves Ferreira, as «bases do que se pode chamar o moderno sanitarismo considerado necessário ao País»¹³. Inclusive a reforma parcelar a que este normativo legislativo foi sujeita em 1926 também foi lavrada pela sua mão.

Em 1899 fundou o Instituto Central de Higiene, estabelecimento que em 1929 veio a adoptar o nome do seu fundador e primeiro director. Entretanto, desde 1912 passou a ser o representante português no *Office International d`Hygiène Publique*, onde se notabilizou, tendo recolhido o respeito dos seus congéneres estrangeiros. Em resumo, são estes elementos que se encontram bastas vezes repetidos na vasta bibliografia que consultámos sobre Ricardo Jorge.

2.3. AS REMEMORAÇÕES

Periodicamente, seja em datas comemorativas do seu nascimento, morte ou fundação do INSA, a figura de Ricardo Jorge é lembrada. À data da sua morte, em 1939, tanto a imprensa médica como a mais generalista lhe dedicaram lugar de franco destaque: artigos de homenagem na sua esmagadora maioria, foi amplamente evocado enquanto professor, médico, cientista, crítico literário, ou simplesmente amigo, mas sempre em tom claramente laudatório.

Com o assentar da poeira ao longo dos anos, foram surgindo as homenagens póstumas de pendor mais cívico ou académico conforme os autores dos eventos, materializadas em cerimónias e discursos públicos. Da toponímia à pintura, passando pela atribuição do seu nome ao Instituto que presidira em vida, foram várias as formas de homenagem que se acumularam. A 9 de Maio de 1946, ano em que completaria 88 anos, o recém-empossado director do Instituto Superior de Higiene, Fernando da Silva Correia, reuniu cerca de 60 pessoas com o intuito de organizar um plano de homenagens póstumas que incluiria a reedição de obras, conferências e homenagens a realizar em Lisboa, Porto e Coimbra. Resultaria daqui o *Grupo dos Amigos do Prof. Ricardo Jorge*, que incluía,

¹³ FERREIRA, 1990: 337.

entre muitos outros, Egas Moniz, Reinaldo dos Santos, Augusto de Vasconcelos, Eduardo Coelho e o próprio Fernando da Silva Correia¹⁴.

Em 1958 comemoraram-se os 100 anos do nascimento, altura em que se reeditaram algumas das suas obras com o apoio de subsídios estatais; em 2008 são os 150 anos que permitem agendar nova visita, desta feita com iniciativas do Instituto Ricardo Jorge, que no ano seguinte lhe agregou a comemoração dos 70 anos da sua morte e o 110º da Criação da Direção-Geral de Saúde e Beneficência Pública¹⁵.

A Faculdade de Medicina do Porto, herdeira das tradições da antiga Escola Médico-Cirúrgica não se furtou a uma dessas cerimónias, ao passo que a Câmara Municipal da Porto lhe rendeu uma homenagem expressa num número especial do seu *Boletim Cultural* em 1941¹⁶, cumprindo um irónico ato de contrição em nome da cidade que o viu nascer e da qual se viu forçada a partir de forma inglória no rescaldo da epidemia de peste de 1899.

A Universidade do Porto não deixou de lhe prestar culto e tributo, particularmente após a sua morte. Escreveram-se e publicaram-se uma miríade de pequenos textos, memórias e testemunhos, lembrando desde os episódios mais marcantes às particularidades da sua vida pessoal e científica, ressaltando o lugar como professor ilustre, mas também como homem da cultura portuense. Esses ecos vão ressoando no tempo presente, bem patentes na nota biográfica que a Universidade do Porto lhe reserva na página web dedicada aos seus mais ilustres e dilectos professores e alunos¹⁷.

Enquanto mecanismo memorialista, a própria filatelia não deixou de o incluir em duas emissões especiais cronologicamente separadas por 33 anos: a primeira em 1966, na emissão intitulada Cientistas Portugueses, e a mais recente em Setembro de 1999, sob a designação Vultos da Medicina¹⁸.

Entretanto, as homenagens cronologicamente mais próximas da sua morte foram dando lugar a posteriores e sucessivas análises historiográficas que se têm debruçado mais sobre aspectos parcelares da vasta herança documental e bibliográfica que deixou¹⁹. É agora a vez da História das Ciências se encarregar de o continuar a dissecar e expor; decompondo o personagem nas suas diferentes facetas, deslindando o contexto científico e cultural em que viveu, examinando o legado que persiste.

Em Agosto de 1939, quando Alfredo Pimenta escreveu sobre o recém-falecido Ricardo Jorge, apontava: «As memórias, se as escreveu, devem esclarecer milhares de assuntos – tanto no que se refere às pessoas, como no que diz respeito aos acontecimentos»²⁰. Mas tanto quanto sabemos, nunca as redigiu, pelo que coube (e ainda cabe) aos profissionais da História reconstruir o seu percurso.

¹⁴ Cf. CORREIA, 1946.

¹⁵ Cf. as Comemorações do 150º aniversário do nascimento de Ricardo Jorge (1858-1939), 15 de Dezembro de 2008.

¹⁶ Cf. O *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Vol. 4, fasc. 4 (1941), p. 307-408.

¹⁷ Cf. Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto. Ricardo Jorge. Disponível em <http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?P_pagina=1001233>. [Consulta realizada em 21/02/2013].

¹⁸ Cf. PITA, 2000.

¹⁹ Cf. as diversas comunicações apresentadas na Conferência Internacional «Medicine, Laboratory and Society – Trajectos da História da Medicina e da Saúde Pública em Portugal – em homenagem a Ricardo Jorge (1858-1939)», 25-26 de Maio de 2009.

²⁰ PIMENTA, 1939.

2.4. A HISTÓRIA DA HISTÓRIA: ANÁLISES HISTORIOGRÁFICAS EM REDOR DE RICARDO JORGE

Percorrer a produção historiográfica dedicada a Ricardo Jorge, equivale a realizar uma viagem em redor da mitificação a que foi sujeito, deambulando pela prosa elogiosa e memorialista dos seus biógrafos até desembocar na historiografia mais recente, certamente mais crítica na abordagem das fontes e mais desapassionada nos resultados que mostra.

As abundantes narrativas em seu torno, sobretudo as dos biógrafos e médicos que lhe foram coevos, ou pelo menos mais próximos em termos cronológicos, não conseguiram fugir do discurso apologético ou heroicizante do biografado. Apesar da relativa profusão de estudos de história da medicina que o versam na sua plural singularidade, apresentam intencionalmente um perfil claramente laudatório, arredando-se muitas vezes do rigor historiográfico. Daí que muitas destas abordagens sejam de natureza mais memorialista do que histórica, pelo facto de não contarem com as técnicas e métodos do historiador, seja a consulta directa de fontes, a sua contextualização e a determinação do sentido histórico dela resultante. E mesmo em alguns trabalhos mais recentes, nota-se a dificuldade que existe em expurgar o discurso historiográfico do elogio em que é fácil incorrer quando se escreve sobre Ricardo Jorge.

Esta bibliografia secundária consiste em artigos muito pequenos, de poucas páginas, com o propósito expresso de o elogiar. Os exemplos são abundantes, mostrando a propensão dos médicos para manterem viva a memória do seu confrade, uma vez que à excepção de alguns críticos literários, escritores ou amigos pessoais, estes pequenos ensaios foram esmagadoramente redigidos por personalidades do mundo médico. A partir de 1937, mas sobretudo desde 1939 e até meados da década de 60 estes textos foram-se acumulando. E os respectivos autores também: Eduardo Coelho, Fernando da Silva Correia, José Alberto de Faria, Celestino da Costa, Nicolau de Bettencourt, Almeida Garret, Egas Moniz, Luís de Pina, Hernâni Monteiro, Mário Sottomayor Cardia, Armando Narciso, Augusto da Silva Travassos, Carlos Santos, Vasconcelos Frazão, António Augusto de Carvalho Dias, João de Araújo Correia, J. Cândido de Oliveira, Jacques Parisot, Reinaldo Santos, Celestino Maia e Maria Olívia Rúber de Meneses entre outros. Estes textos, muitos deles impressos sob a forma de notas esparsas ou artigos em números especiais de revistas, não representam um avanço historiográfico significativo no conhecimento da época e da obra de Ricardo Jorge.

No entanto, existem trabalhos de maior fôlego e profundidade analítica saídos da pena dos seus principais biógrafos. Sendo também os mais prolíficos, os médicos Eduardo Coelho e Fernando da Silva Correia escreveram aquelas que ainda continuam a ser as principais obras dedicadas à biografia de Ricardo Jorge. Apenas uma delas se publicou ainda em vida do biografado: *O Prof. Ricardo Jorge. Breve ensaio crítico seguido da resenha bibliográfica da sua obra* (1929), na qual Eduardo Coelho coligiu pela primeira vez as referências de grande parte da obra publicada de Ricardo Jorge. As demais tiveram lugar em 1939 ou foram realizadas pouco tempo depois da sua morte.

Um esforço posterior, ainda mais considerável foi realizado por Fernando da Silva Correia a partir de 1946²¹. Debruçou-se sobre algumas das múltiplas facetas do biografado, publicando desde então alguns trabalhos parcelares. A melhor síntese que nos legou encontra-se bem caracterizada pelo título: *A vida, a obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge* (1960)²², que continua a ser até hoje a mais completa e celebrada biografia de que se dispõe.

Numa linha semelhante, mas aflorando temáticas mais circunscritas do universo ricardiano, outros continuaram o mesmo desiderato: Cruz Malpique com *Ricardo Jorge – O escritor e Ricardo Jorge – O intelectual* (1958)²³, Barahona Fernandes com *Ricardo Jorge, personalidade e atitude espiritual* (1959) e ainda Eduardo Coelho: *Ricardo Jorge: o médico e o humanista* (1961). Lançando um breve olhar analítico a todas estas obras, importa sublinhar que se fizeram há mais de cinco décadas. Conquanto sejam fontes secundárias valiosas e muitas vezes as únicas passíveis de ser utilizadas, além de não trazerem a marca do historiador e da pesquisa arquivística, sacrificam muito vincadamente a malha contextual tanto a nacional como a internacional. Apesar disso, a história contextualizada de Ricardo Jorge tem vindo a ser escrita aos poucos, graças aos contributos mais ou menos díspares de diversos autores.

As narrativas convencionais e lineares, propositadamente escoradas nos postulados da genialidade pessoal e na inexorabilidade do progresso foram dando lugar a abordagens menos circunscritas e mais enraizadas na análise do espaço sociopolítico e da espessura temporal que envolveram a vida de Ricardo Jorge.

A comemoração dos 150 anos do seu nascimento em 2008 deu azo a um processo de revisionismo histórico de contornos bem mais próximos do que se espera da moderna historiografia. Passa então a ser analisado e visto primordialmente pelo escopo de historiadores, historiadores da ciência ou médicos-historiadores.

Numa breve análise biográfica, contextualizada do ponto de vista do espaço político do higienismo, da história das ciências biomédicas e das premissas do biopoder *foucaudiano*, Jorge Fernandes Alves traçou um quadro biográfico estruturado, integrando e articulando modelarmente a figura de Ricardo Jorge no seio da saúde pública portuguesa²⁴. Poucos anos antes, o mesmo autor deu à estampa a transcrição do relatório que Ricardo Jorge realizou em 1885 sobre o ensino médico no Porto. No prefácio, que bem mais do que um texto de apresentação é um excelente estudo introdutório, o mesmo autor delineou e contextualizou as preocupações e os problemas acerca do ensino médico na Escola Médico-Cirúrgica do Porto da segunda metade do século XIX²⁵. Ainda no seguimento das comemorações de 2008, Amélia Ricon Ferraz realizou uma contextualização diferente, com base no ambiente escolar e de progresso em que

21 «Ao tomar posse do cargo de director, em 24 de Janeiro de 1946, tomei o compromisso, antes de qualquer programa de acção, de prestar culto à alta figura mental e profissional de Ricardo Jorge». In CORREIA, 1946: 153.

22 CORREIA, 1960.

23 Cf. MALPIQUE, 1958a; MALPIQUE, 1958b; MALPIQUE, 1958c.

24 Cf. ALVES, 2008.

25 Cf. ALVES, 2003.

o nosso biografado viveu, realçando sobretudo o papel que teve no decorrer do episódio pestífero de 1899²⁶.

O culminar destas comemorações permitiu que viesse a lume um significativo conjunto de contributos de reflexão histórica, a que não continuam ainda a faltar os textos de homenagem, desta feita já sem as antigas premissas heroicizantes, mas bebendo ainda dos traços de preto que rodearam uma figura que – há que reconhecê-lo – quanto melhor se conhece, mais sedutora e cativante se torna. Trata-se de *Percursos da Saúde Pública nos séculos XIX e XX – a propósito de Ricardo Jorge* (2010)²⁷, editado pelo Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos no rescaldo da Conferência Internacional *Medicine, Laboratory and Society. Trajectos da História da Medicina e da Saúde Pública em Portugal – em homenagem a Ricardo Jorge (1858-1939)*, que tiveram lugar no Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge entre 25 e 26 de Maio de 2009. Destacam-se as controvérsias científicas, a emergência do higienismo e da microbiologia, aflora a investigação no âmbito laboratorial. A maior novidade desta colectânea de artigos prende-se com, no dizer da recensão de Zulmira Hartz, a existência de um denominador comum que tem como «(...) quadro de referência a apropriação do conhecimento, entrelaçando diferentes continentes e áreas médicas numa mesma matriz ideológica pasteuriana, (...)» e ainda «(...) na reflexão sobre a história da saúde pública, com base nos aspetos centrais do legado de Ricardo Jorge: a medicina, o laboratório e a intervenção social»²⁸.

Neste caso o mote comemorativo também deu azo a outras reflexões: em tempos de crise, instabilidade e redefinição do Serviço Nacional de Saúde, também se revisita Ricardo Jorge com intuítos que por breves instantes ultrapassam os propósitos comemorativos. É isto que se depreende das palavras de Victor Machado Borges no prólogo dos *Percursos da Saúde Pública*, mostrando até que ponto a escrita da História pode servir princípios programáticos e políticos que ultrapassam a pena do historiador:

*Num tempo em que as grandes personagens se apagam em comissões, conselhos, grupos de trabalho, em que as responsabilidades se diluem e os méritos se desvanecem, estudar a obra daqueles que, associando o pensamento à acção, contribuíram de forma decisiva para aquela que é talvez a maior conquista civilizacional do século XX – o Serviço Nacional de Saúde – é fundamental para inspirar a luta na sua defesa, num tempo em que estranhos aos seus conceitos e às suas vantagens sociais, se comprazem em ataques fáceis e irresponsáveis*²⁹.

O habitual pendor historiográfico das obras dedicadas a Ricardo Jorge começa mesmo a apresentar matizes de natureza sociológica, como é o caso da nota introdutória da recente reedição de *A Peste Bubónica no Porto* (2012; 1ª ed. 1899), escrita por Bruno Monteiro³⁰.

²⁶ Cf. FERRAZ, 2008.

²⁷ Cf. AMARAL et al., 2010.

²⁸ HARTZ, 2012: 1101.

²⁹ BORGES, 2010: 5.

³⁰ Cf. MONTEIRO, 2012.

No entanto, é enquanto actor de políticas de saúde pública e interveniente directo em questões sanitárias que o seu pensamento e actuação continuam a ser frequentemente invocados e analisados, como no caso de «Uma Questão Nacional» *Enredos da malária em Portugal, séculos XIX e XX* (2010)³¹, de Mónica Saavedra, ou nos meandros da história da cultura científica, caso da clássica *Liturgia Higienista no século XIX* (1993)³², de Ana Leonor Pereira e João Rui Pita.

Colocando de parte os discursos encomiásticos, que julgamos estarem já arredados da investigação histórica científica, estas abordagens mais recentes não deixam de mostrar o prestígio granjeado por Ricardo Jorge. Por outro lado, não é possível tratar com propriedade toda uma série de assuntos da História Contemporânea portuguesa sem fazer uso das fontes directas e indirectas que nos legou, seja quando se pretende escrever sobre demografia ou bioestatística, higienismo e saúde pública, doenças emergentes ou prevalentes, flagelos sanitários ou políticas sanitárias.

Apesar do valor de todos estes contributos que referimos, sobretudo dos que têm vindo a lume desde 2003, atrevemo-nos a afirmar que se continua a aguardar a monografia integradora que o tema e o personagem impõem, tanto mais que uma visão desapaixonada requer uma abordagem menos laudatória e mais analítica.

3. AS RECOLHAS BIOBIBLIOGRÁFICAS E O PROJECTO EM CURSO

Inserido no âmbito do pós-doutoramento do autor deste artigo a decorrer no Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra, encontra-se em curso o projecto intitulado *Saúde e modernidade em Ricardo Jorge. Estudo bibliográfico*. Entre outros objectivos, pretende-se realizar um guia bibliográfico com as obras de Ricardo Jorge e com o que até à presente data sobre ele se escreveu, não só do ponto de vista biográfico mas também historiográfico e memorialista.

A recolha de fontes e bibliografia, tanto a proveniente da pena do próprio Ricardo Jorge como aquela que o tem como tema, foi realizada a partir de um conjunto disperso de acervos. Se bem que a maior parte da sua obra se encontra na Biblioteca do INSA, que para o efeito a disponibiliza em grande parte através do seu sítio web, existe ainda uma multiplicidade de outras obras e escritos do autor espalhados por outras bibliotecas e arquivos, incluindo uma quantidade considerável de artigos em periódicos.

Este exercício foi tentado por Eduardo Coelho em 1929, que após uma recolha que o próprio reconhece incompleta, chega a um total de 209 títulos³³, vários deles referenciados de forma muito sumária e em alguns casos incorrecta. Seguiu-se outra em 1946 que aumenta para 256 o número total de títulos, mas ainda assim inacabada³⁴. Inclui, no entanto, várias publicações editadas entre 1929 e 1939. Ainda em 1946 surgiria a primeira

³¹ Cf. SAAVEDRA, 2010.

³² Cf. PEREIRA & PITA, 1993.

³³ Cf. COELHO, 1929.

³⁴ Cf. COELHO & CASTRO, 1946.

colectânea de referências bibliográficas de escritos sobre Ricardo Jorge³⁵, a maior parte dos quais se encontra reunida em alguns números de *A Medicina Contemporânea* (1939) e da revista *Clínica, Higiene e Hidrologia* (1941). Em 1939 a *Lisboa Médica* também lhe dedicou um número temático com alguns textos memorialistas.

Desde então os exercícios de recolha bibliográfica não recolheram adeptos, talvez pelo facto da quantidade de dispersos continuar absolutamente desconhecida. Difíceis de localizar, muitas vezes só por mero acaso se encontram no decorrer da demorada leitura de colecções inteiras de periódicos.

A compilação em curso obedeceu a princípios de sistematização bibliográfica para que os leitores – sejam investigadores com interesses do foro académico ou não – possam aquilatar do aspecto multifacetado, riqueza intelectual e erudição deste invulgar homem de ciência. Através desta bibliografia somos autorizados a responder com segurança a algumas questões entretanto levantadas, se bem que importa reconhecer as limitações impostas pela vastidão da obra do biografado: nos longos meses despendidos na recolha das fontes tivemos a oportunidade de verificar que existem muitos textos que escapavam à catalogação existente e é possível que ainda subsista uma quantidade indeterminada de escritos dispersos que escaparam à nossa recolha. A pesquisa pelos periódicos mostrou-se particularmente difícil, bem como a localização dos textos dispersos nos múltiplos *Procès-verbaux* do *Office International D’Hygiène Publique* ou publicados no contexto da Sociedade das Nações, onde se encontram vários dos discursos que serviriam de base a compilações posteriormente reunidas em relatórios que se reproduzem em grande parte nos *Arquivos do Instituto Central de Higiene*. Por outro lado, as múltiplas separatas originadas em artigos publicados um pouco por toda a imprensa médica, mas sobretudo na *Lisboa Médica*; *Clínica, higiene e hidrologia* ou em *A Medicina Contemporânea*, aumentam ainda mais o volume total de obras. Sempre que possível, e quando os textos não apresentam diferenças ou adendas, indicou-se apenas uma das publicações por forma a evitar duplicações.

Existem ainda outras fontes tornadas disponíveis ao público desde 2009. Uma grande parte dos seus manuscritos, correspondência e fotografias encontram-se armazenadas em 37 caixas que formam o espólio existente na Biblioteca Nacional. Talvez a parte que mais interessa aos historiadores se prenda com a epistolografia que trocou com uma variedade de outros médicos portugueses e estrangeiros, figuras do universo político, intelectuais e outros escritores. Entre centenas de manuscritos, recortes de jornais, cartas que lhe foram dirigidas, fotografias, postais, telegramas e cartões-de-visita, muito se pode ainda descortinar na altura de reconstruir a sua linha biográfica. Apesar da catalogação se ter realizado quando o espólio foi doado à Biblioteca Nacional, não está ainda organizada de forma ideal. Aguarda-se um adequado tratamento deste espólio, onde apenas a digitalização e recatalogação permitiriam facilitar e tornar mais adequado o acesso a toda esta documentação.

35 Cf. COELHO, 1946.

Pretende-se que os resultados finais do trabalho ainda em curso, incluindo a biobibliografia, venham a merecer uma publicação que reúna estes e outros aspectos da vida de Ricardo Jorge, mas também reconhecemos que mesmo assim o assunto estará muito longe de se esgotar.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Jorge Fernandes (2008) – *Ricardo Jorge e a Saúde Pública em Portugal – Um Apostolado Sanitário*. «Arquivos de Medicina», 22 (2/3), p. 85-90.
- ALVES, Jorge Fernandes, *org. e prefácio* (2003) – *Signo de Hipócrates – O ensino médico no Porto segundo Ricardo Jorge*. Porto: Sociedade Portuguesa de Gastrenterologia.
- AMARAL, Isabel; CARNEIRO, Ana; MOTA, Teresa Salomé; BORGES, Victor Machado; DORIA, José Luís, *coord.* (2010) – *Percurso da Saúde Pública nos séculos XIX e XX – a propósito de Ricardo Jorge*. Lisboa: CELOM – Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos.
- ANTUNES, João lobo (2010) – *Egas Moniz. Uma Biografia*. Lisboa: Gradiva.
- BERRIDGE, Virginia (2008) – *History Matters? History's Role in Health Policy Making*. «Medical History», vol. 52, n.º 3, p. 311-326.
- BORGES, Victor Machado (2010) – *Prólogo. Um grande Homem do seu tempo, um grande Homem de sempre*. In AMARAL, Isabel; CARNEIRO, Ana; MOTA, Teresa Salomé; BORGES, Victor Machado; DORIA, José Luís, *coord.* – *Percurso da Saúde Pública nos séculos XIX e XX – a propósito de Ricardo Jorge*. Lisboa: CELOM – Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos, p. 5-7.
- BYNUM, W. F. (1994) – *Science and the practice of medicine in the nineteenth century*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BYNUM, W. F.; LOCK, Stephen; PORTER, Roy, *ed.* (1992) – *Medical journals and medical knowledge: historical essays*. Routledge: London.
- COELHO, Eduardo (1929) – *O Prof. Ricardo Jorge. Breve ensaio crítico, seguido da resenha bibliográfica da sua obra*. Paris; Lisboa: Liv. Aillaud & Bertrand.
- (1946) – *Le Prof. Ricardo Jorge – Note Bibliographique de travaux qui lui son consacrés*. «Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge», ano I, n.º 4, p. 266-269.
- COELHO, Eduardo; CASTRO, Canto e (1946) – *Contribution à la Bibliographie du Prof. Ricardo Jorge*. «Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge», ano I, n.º 1, p. 13-25.
- CORREIA, Fernando da Silva (1960) – *A vida, a obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge*. Compilação, Prefácio, Notas e conclusões de Fernando da Silva Correia. Lisboa: Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge.
- (1946) – *O grupo dos amigos do Prof. Ricardo Jorge*. «Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge», ano I, n.º 2, p. 153-160.
- CORREIA, Manuel da Encarnação Simões (2010) – *Egas Moniz: Representação, Saber e Poder*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tese de doutoramento.
- DARMON, Pierre (1999) – *L'homme et les microbes: XVIIe-XXe siècles*. Paris: Fayard.
- DUFFY, John (1990) – *The sanitarians: a history of American public health*. Urbana: University of Illinois Press.
- FERNANDES, Barahona (1959) – *Ricardo Jorge, personalidade e atitude espiritual*. Separata de «Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa», tomo 123, n.º 8. Lisboa: Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa.
- FERRAZ, Amélia Ricon (2008) – *Ricardo de Almeida Jorge – Médico e Humanista Portuense, Higienista Intemporal*. «Arquivos de Medicina», 22 (2/3), p. 91-100.
- FERREIRA, F. A. Gonçalves (1990) – *História da saúde e dos serviços de saúde em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- HARTZ, Zulmira Maria de Araújo (2012) – *Ricardo Jorge e a história da saúde pública em Portugal*. «História, Ciências, Saúde – Manguinhos», vol. 19, n.º 3, p. 1101.
- KOTOWICZ, Zbigniew (2012) – *Psychosurgery – The Birth of a New Scientific Paradigm. Egas Moniz and the Present Day*. Lisbon: Centre for Philosophy of Science, University of Lisbon.
- LATOUR, Bruno (1988) – *The Pasteurization of France*. Trad. Alan Sheridan e John Law. Cambridge, London: Harvard University Press.
- LESKI, Erna (1984) – *Medicina Social. Estudios y testimonios históricos*. Madrid: Ministerio de Sanidad y Consumo.
- MONTEIRO, Bruno (2012) – *Os anos portuenses de Ricardo Jorge. Sociologia de um higienista ‘militante’ (1858-1900)*. In JORGE, Ricardo – *A Peste Bubónica no Porto*. Prefácio de Virgílio Borges Pereira e nota introdutória de Bruno Monteiro. Lisboa: Deriva Editores.
- MURAD, Lion; ZYLBERMAN, Patrick (1996) – *L’hygiène dans la République. La santé publique en France ou l’utopie contrariée, 1870-1918*. Paris: Fayard.
- PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (2007) – *Public health, municipalities and the state: founding microbiological laboratories in Portugal*. In DINGES, Martin, ed. – *Health and health care between self-help, intermediary organizations and formal poor relief (1500-2005)*. Edições Colibri /CIDEHUS-UE/PhoenixTN, p. 121-130.
- (2006) – *Miguel Bombarda (1851-1910) e as singularidades de uma época*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- (2005) – *Egas Moniz (1874-1955). Marinheiro da ciência e da tecnologia, Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia, 1949*. «Estudos, Nova série», 5, p. 331-346.
- (1993) – *Liturgia higienista no século XIX – pistas para um estudo*. «Revista de História das Ideias», 15, p. 437-559.
- PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui; RODRIGUES, Rosa Maria (1999) – *Retrato de Egas Moniz*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- PIMENTA, Alfredo (1939) – *Ricardo Jorge*, «A Voz».
- PITA, João Rui (2000) – *Filatelia. Ricardo Jorge e a Farmácia*. «Revista da Ordem dos Farmacêuticos», 35, p. 32.
- PORTER, Dorothy (1999) – *Health, civilization, and the state: a history of public health from ancient to modern times*. London: Routledge, 1999.
- (1994) – *The history of public health and the modern state*. Amsterdam: Rodopi.
- (1993) – *Public health*. In BYNUM, W. F. and PORTER, R. eds. – *Companion encyclopedia of the history of medicine*. London and New York: Routledge, vol. 2, p. 1231-1261.
- ROSEN, George (1993) – *A history of public health*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- (1985) – *De la policía médica a la medicina social. Ensayos sobre la historia de la atención a la salud*. Trad. do inglês de Humberto Sotomayor. México: Siglo XXI editores.
- REPOLHO, Sara (2008) – *Sousa Martins; ciência e espiritualismo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- SAAVEDRA, Mónica Alexandra de Almeida Monteiro (2010) – «*Uma Questão Nacional*» *Enredos da malária em Portugal, séculos XIX e XX*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Instituto de Ciências Sociais. Tese de doutoramento em Ciências Sociais. Especialidade: Antropologia Social e Cultural.